

O PAPEL POLITICO-PEDAGOGICO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS TENDENCIAS E MOVIMENTOS RENOVADORES

Nilmara Serafim Chagas⁵; Lucas Vieira de Lima Silva⁶; Maria Rosângela Dias Pinheiro⁷

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo fazer um recorte do processo histórico do papel do professor de Educação Física no Brasil, possibilitando-nos realizar uma série de interpretações que aponta para um entendimento das tendências pedagógicas e movimentos renovadores dessa área do conhecimento. A investigação, de abordagem qualitativa, caracterizou-se do tipo pesquisa bibliográfica, realizada a partir dos registros disponíveis sobre o tema, decorrente de pesquisas anteriores. Nesse sentido, fizemos leituras de documentos, artigos, teses e trabalhos variados, os quais serviram como material para a obtenção de informações destinada à pesquisa. Os resultados obtidos na investigação em destaque mostraram que o Papel Político-Pedagógico do Professor de Educação Física ao longo dos tempos foi influenciado por diferentes filiações epistemológicas, atendendo, sobretudo, aos interesses políticos-ideológicos da classe dominante.

Palavras-Chaves: Professor; Educação Física.

THE POLITICAL-PEDAGOGICAL PAPER OF THE PHYSICAL EDUCATION TEACHER IN TRENDS AND MOVEMENTS RENEWERS.

Abstract

This research aimed to make an indentation of the historical process of the role of the teacher of Physical Education in Brazil, enabling us to perform a number of interpretations that points to an understanding of the pedagogical trends and renewal movements of this area of knowledge. The research, qualitative approach was characterized type of research literature, held from the records available on the subject, due to previous research. In this sense, we readings of documents, articles, theses and varied works, which served as material for obtaining information for the research. The results of the research showed that highlighted the Political and Pedagogical Role of the Teacher of Physical Education throughout the ages has been influenced by different epistemological affiliations, serving mainly to the political-ideological interests of the dominant class.

Keywords: Teacher; Physical Education.

Introdução

A Educação Física brasileira, como espaço de manipulação político-ideológica ao longo de sua história, tem sido utilizada para diferentes propósitos pelo poder dominante de cada época. Esse domínio parece ter dificultado a compreensão e o desenvolvimento de seu verdadeiro papel social e educacional. Essa questão nos permite desencadear uma série de estudos que nos ajuda compreender melhor qual é (ou deveria ser) o papel dessa área do conhecimento na escola e na sociedade.

Nessa investigação, objetivamos analisar o papel político-pedagógico do professor de Educação Física nas Tendências Pedagógicas e “Movimentos Renovadores” de sua área de atuação profissional.

⁵ Professora Esp. do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Regional do Cariri (URCA), Campus de Iguatu-CE.

⁶ Professor Dr. do Curso de Licenciatura em Educação Física da URCA, Campus do Pimenta, Crato-CE.

⁷ Professora Esp. do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Regional do Cariri (URCA), Campus de Iguatu-CE.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, caracterizou-se do tipo pesquisa bibliográfica, realizada a partir dos registros disponíveis sobre o tema, decorrente de pesquisas anteriores. Nesse sentido, fizemos leituras de documentos, artigos, teses e trabalhos variados, os quais serviram como material para a obtenção das informações destinadas à pesquisa.

As razões pelas quais nos levaram a desenvolver este estudo ocorreram, pontualmente, com a preocupação de percebermos, mais detidamente, o papel-político pedagógico do professor de Educação Física ao longo da história, que orientou/orienta a prática da Educação Física na escola. Essa nossa motivação foi reafirmada a partir da seguinte questão central: **Qual o papel político-pedagógico do professor de Educação Física ao longo da história tomando como referência as tendências e movimentos renovadores desse campo de estudo?**

Antecipamo-nos em afirmar que o papel político-pedagógico do professor de Educação Física vem se manifestando de acordo com sua visão de mundo, sociedade, homem e educação, sobretudo tomando por base o tipo de formação político-ideológica (inicial e continuada) que vai desenvolvendo, adquirindo e acumulando em sua trajetória profissional.

O Papel Político-Pedagógico do Professor de Educação Física nas Tendências Pedagógicas

Realizar um levantamento panorâmico referente à história da prática educativa da Educação Física no Brasil, do final do século XIX (1889) até meados do século XX (1979), é constatar a existência de várias tendências pedagógicas estabelecidas nesse campo de estudo.

Para Ghiraldelli (1989), a Educação Física brasileira, nesse primeiro momento, foi caracterizada por cinco tendências: *Educação Física Higienista* (1930); *Educação Física Militarista* (1930-1945); *Educação Física Pedagogicista* (1945-1964); *Educação Física Competitivista* (pós 64) e, finalmente, *Educação Física Popular*.

Educação Física Higienista

A Educação Física Higienista surge no Brasil em fins do século XIX. Percorrendo mais de 40 anos de existência, essa concepção é implementada pelo liberalismo burguês, que acreditava resolver os problemas sociais enfrentados pela sociedade brasileira através da escola.

O pensamento liberal burguês da época não atribuía os inúmeros problemas enfrentados pela sociedade brasileira, ao seu modelo socioeconômico, mas ao analfabetismo e a falta de escolarização da população. A grande concentração de pessoas em um só setor, o aumento exagerado de doenças e as péssimas condições de vida constatada nos bairros operários estavam relacionados à *ignorância do povo* (SILVA, 1995).

Entretanto, por outro lado, a intenção da classe dominante seria a de se utilizar da educação, das atividades físicas e do esporte com o intuito de forjar seus interesses às outras classes através das aulas de Educação Física. Neste caso, enquanto o poder via a prática de atividade física e esportiva como meios relevantes para a

sedimentação de suas ideias de dominação, as outras classes (as dominadas), por sua vez, viam realmente essas práticas como algo que poderia garantir saúde. Entretanto, como garantir saúde através da prática de ginástica e aquisição de hábitos saudáveis se para isso tornar-se-ia necessário dispormos de saúde e educação de qualidade a serem garantidas pela materialização de políticas públicas efetivas?

Para o Coletivo de Autores, (1992, p.53), no desenvolvimento da Educação Física escolar

[...] o médico, e mais especificamente o médico higienista, tem um papel destacado. Esse profissional passa a ser um personagem quase que indispensável, porque exerce uma “autoridade” perante um conhecimento de ordem biológica por ele dominado.

Nesse entendimento, o médico vai “[...] orientar a função a ser desempenhada pela Educação Física na escola: desenvolver a aptidão física dos indivíduos” (op. cit., p. 53) como maneira mais eficaz ao alcance dos objetivos pretendidos de higiene e saúde da população.

Educação Física Militarista

A Educação Física Militarista, inspirada pelo movimento fascista, surge por volta de 1931 como uma disciplina obrigatória nos cursos secundários. Foi expandida nas escolas, visando *aperfeiçoar os indivíduos* e promover a *saúde da Nação*. De fato, tal concepção postula a possibilidade de homogeneizar o povo através das atividades físicas e do desporto, independente de suas diferenças sociais, econômicas, culturais, étnicas e culturais (SILVA, 2007).

Essa concepção nazifascista é forjada a partir de 1933, com o surgimento da escola de Educação Física do Exército, totalmente tomada por programas de atividades físicas inspirados nos moldes da caserna, ou seja, como aqueles desenvolvidos no treinamento militar. Com isto, passa a reforçar ainda mais os interesses de se obter, através de exercícios, pessoas mais fortes e mais saudáveis em condições de estarem prontas para a defesa e segurança da pátria.

De acordo com Castellani Filho (1988, p.39),

Tendo suas origens marcadas pela influência das instituições militares [...] a educação física no Brasil, desde o século XIX, foi entendida como um elemento de extrema importância para o forjar aquele indivíduo “forte”, “saudável”, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país que, saindo de sua condição de colônia portuguesa, no início da segunda década daquele século buscava construir seu próprio modo de vida [...].

Nesse sentido, a Tendência Militarista busca elevar a nação através de um padrão estereotipado da juventude pautado na preparação de sujeitos fortes e saudáveis, os quais deverão estar prontos para a guerra em defesa de sua pátria. Neste sentido, a Educação Física passa a selecionar pessoas, tendo a função principal de

aproveitamento dos melhores e mais aptos em detrimento dos mais fracos através da prática de atividade física, objetivando a formação do homem disciplinado e obediente aos interesses do sistema dominante.

Assim, a Educação Física Militarista, segundo Kravchychyn (2011), não conseguia mais dar conta do processo de controle e dominação do povo brasileiro. A forma encontrada pelo sistema foi a de propor uma saída para *contornar a situação* e retomar a *ordem* necessária à perpetuação e manutenção da classe dominante e opressora no poder. Desta maneira, sugere-se a Educação Física Pedagogicista, a qual vai reclamar o fato de estar na escola, mas não fazer parte dela.

Educação Física Pedagogicista

No período pós-guerra, compreendido no período de 1945 a 1964, surge a Educação Física Pedagogicista. Representou um avanço em relação às concepções anteriormente assinaladas, por ter considerado a Educação Física uma disciplina escolar.

A tendência em questão, em seu caráter neutro, é quem vai chamar atenção da sociedade para o fato de que a Educação Física não deve apenas funcionar como a responsável pela promoção da saúde ou de disciplinar a juventude, mas deve-se encará-la como uma prática educativa. Portanto, o sentido a ela atribuído se diferencia das tendências anteriores porque propõe uma disciplina preocupada com os aspectos também educacionais.

Sobre esta tendência Ghiraldelli (1989, p.19), nos afirma que

A Educação Física Pedagogicista é, pois, a concepção que vai reclamar da sociedade a necessidade de encarar a Educação Física não somente como uma prática capaz de promover saúde ou de disciplinar a juventude, mas de encarar a Educação Física não somente como uma prática eminentemente educativa. É mais do que isto, ela vai advogar a “educação do movimento” como a única forma capaz de promover a chamada “educação integral”.

Num contexto mais crítico, podemos afirmar que havia um mascaramento dos antagonismos existentes entre as classes sociais. Constituíam-se, portanto, numa Educação Física neutra, ou seja, desvinculada e desprovida de uma análise conjuntural do contexto sócio-histórico da realidade brasileira. Sua preocupação não era a de ofertar uma formação crítica para a juventude brasileira, mas de mantê-la fora do processo de construção de uma nova consciência capaz de promover a reflexão sobre a realidade social e de não permitir uma compreensão mais aguda das injustiças e desigualdades da época (SILVA, 2007).

Educação Física Competitivista

Entre os anos 1960 e 1970, constatamos que houve um fortalecimento da ideia liberal a respeito da neutralidade em relação aos conflitos sociais. Com o surgimento da Educação Física Competitivista, consolidava-se

a concepção que iria privilegiar o Treinamento Desportivo, tornando o *desporto de alto nível* o principal paradigma da Educação Física na escola.

O exagero pela competição, o fortalecimento do individualismo, a busca incessante a qualquer custo pela vitória são, neste momento histórico, algumas das marcantes representações veiculadas pela Educação Física. Não diferente das anteriores, essa tendência desconsidera os conflitos político-sociais, colocando *a ideia de vitória* como elemento de destaque em seus propósitos. O conteúdo de ensino passa a ser oficialmente o desporto de rendimento ou de alto nível, reforçando a noção de que todos, independentemente das desiguais oportunidades, podem praticá-lo a ponto de um dia chegar ao topo. A conquista do pódio nos esportes passa a ser compreendido como metáfora para *o vencer* na vida.

Nos anos 1970, vigorou uma política de expansão da prática do desporto, passando a constituir-se um novo paradigma para todas as aulas de Educação Física no Brasil. A partir de então, neste período, o treinamento é baseado nos avanços dos estudos da fisiologia e da biomecânica para aperfeiçoar a técnica do esporte em busca de melhor resultado, reforçando ainda mais o caráter tecnicista do treinamento nas aulas de Educação Física na escola.

[...] as características de performance é vinculado à ideologia capitalista do trabalho e a juventude é educada para uma sociedade competitivista na qual o princípio de rendimento gerado pelo capital se impõe aos valores humanistas [...] (BREGOLATO, 2003, p.61)

Essa prática pedagógica tecnicista é altamente organizada pelo professor. Este é percebido como um técnico e o aluno como um atleta. As aulas são realizadas através da oferta de atividades mecânicas com objetivo de melhorar a eficiência motora e física do aluno a partir das técnicas esportivas para formar futuros atletas para *representar a nação nas competições*.

Educação Física Popular

Ao contrário das concepções anteriormente citadas, a Educação Física Popular revelou uma produção teórica ampla e de fácil acesso. Podemos afirmar, com cuidado, que a Concepção Popular se sustenta quase que exclusivamente numa *teorização* transmitida oralmente entre as gerações de trabalhadores deste país. Considerável parte dos documentos (jornais, revistas, etc.) do movimento Operário e Popular, que poderiam conter uma *teorização*, ou pelo menos um relato das práticas de Educação Física autônoma dos trabalhadores não escapou aos olhos vigilantes e a incineração das classes detentora do poder. Entretanto, do material existente é possível resgatar uma concepção de Educação Física que, paralela e escondida, veio ao longo do século XX se desenvolvendo contra as concepções inerentes à ideologia dominante (GHIRALDELLI JR., 1989).

A Educação Física Popular não esteve preocupada com a saúde pública, pois entendia que tal questão não pode ser discutida desvinculada da problemática forjada pela organização social, econômica e política do país. A Educação Física Popular não pretendia ser disciplinadora dos sujeitos sociais e muito menos estava voltada para o

incentivo da busca por medalhas. Ela era, antes de tudo, lúdica e cooperativa, e, nesse sentido, o desporto, a dança, a ginástica, etc., assumiam um papel de promotores de organização e mobilização dos trabalhadores.

Essa tendência não foi relacionada para todos, mas sim um movimento de prática social da classe popular de trabalhadores que teve como concepção uma Educação Física mais autônoma e progressista, atuando, principalmente, fora da escola.

Em síntese, podemos afirmar que a Tendência da Educação Física Popular caminhou paralelamente as demais concepções dominantes aqui explicitadas. Tratou-se de uma concepção progressista desencadeada no meio popular e politicamente contrária as tendências hegemônicas. Ela seria, talvez, uma das possibilidades de construção de uma Educação Física capaz de consolidar o surgimento de professores politizados, conhecedores da realidade social. Sendo assim, poderíamos dispor de uma Educação Física progressista democrática e efetivamente inclusiva, de maneira que a participação qualitativa de todos constituísse a palavra de ordem.

Dessa forma, o professor, liberto das amarras tirânicas dos poderes perversos e inconsequentes instaurados por décadas, teria, nas suas aulas, a possibilidade de, em conjunto com seus alunos e colegas de profissão, contribuir para o processo indispensável e salutar de emancipação humana através dos ricos conteúdos da cultura corporal de movimento.

O Papel Político-Pedagógico do Professor de Educação Física nos Movimentos Renovadores

A atuação do professor de Educação Física foi, nesse período histórico, marcada pelo silêncio e pela subserviência imposta pelas ditaduras militares da época. Entretanto, ao mesmo tempo em que, por exemplo, nos anos 1960 e 1970 cerceavam-se o direito de participação nas decisões políticas. Contrariamente, nos *porões secretos* das correntes progressistas, estudiosos, indignados com a falta de liberdade de expressão, arquitetam e gestam novas teorias e proposições para o campo da Educação Física. Essas proposituras vão emergir justamente a partir dos anos 1980 com a abertura política historicamente vivenciada no Brasil.

A Educação Física, por estar inserida no contexto educacional, apresenta, também, os seus movimentos com o objetivo de garantir sua efetivação. Assim, surgem como principais movimentos renovadores: o Psicomotricista, o Humanista e o Esporte Para Todos (EPT), marcando uma nova perspectiva para a área do conhecimento em questão.

Movimento Renovador Psicomotricista

O primeiro estudo a ser explicitado acerca dos movimentos renovadores da Educação Física, na década de 1980, diz respeito ao *Desenvolvimento Psicomotor* de Jean Le Bouch (1981). Este movimento foi compreendido como uma importante contribuição na escola para o desenvolvimento psiconeurológico da criança. A psicomotricidade tem como variante a Psicocinética, considerada uma teoria geral do movimento que utiliza na

formação do sujeito, evidenciando no desenvolvimento psicomotor a estruturação do esquema corporal e as aptidões motoras (SILVA, 1995).

A metodologia da educação pelo movimento, ao identificar-se com a psicocinética, respeitará a estrutura corporal das crianças de acordo com as suas faixas etárias. Neste caso, existe a possibilidade de uma ação educativa que a partir dos movimentos naturais da criança e das atitudes corporais, favorece a originalidade da imagem corporal (SILVA, 1995).

A partir de 1952, surge o primeiro conceito de Educação Física adequada de acordo com sua faixa etária. Na tese de medicina, *Lês facturs de la valeur motrice*, em 1960, Le Bouch, alertava a possibilidade de se trabalhar dois sistemas funcionais diferentes através do trabalho corporal: *os fatores de execução*, dependentes de dois sistemas: muscular e de nutrição os quais interferem no sistema motor; e o *sistema central*, encarregado de controlar os demais sistemas e que é útil como suporte das funções mentais.

De acordo com o Coletivo de Autores (1992, p.55)

Le Bouch enfatiza que a “Psicocinética” não é um método de educação física e, sim, uma teoria geral do movimento que permite utilizá-lo como meio de formação. Privilegia para isso o estímulo ao desenvolvimento psicomotor especialmente a estruturação do esquema corporal e as aptidões motoras que, [...], melhoram através da prática do movimento.

Nesse contexto, a psicomotricidade apesar de ter representado um avanço em relação àquela Educação Física vivenciada até antes dos anos 1980, conseguindo romper com a dicotomia corpo e mente, espírito e matéria – não foi capaz de fornecer elementos para a formação de professores com visão crítica. Desta maneira, desconsiderou, como havíamos dito antes, o contexto social, político e econômico da realidade brasileira como um todo.

Movimento Renovador Humanista

O Movimento Humanista foi proposto por Vitor Marinho de Oliveira (1985), em seu livro *Educação Física Humanista*, o qual faz opção pela psicologia centrada no *cliente* de Carl Rogers como fundamentação teórica de sua proposição, contrapondo-se a teoria comportamentalista da psicologia que considera o sujeito como *paciente* no atendimento.

Esse entendimento é tomado de empréstimo para a educação e, posteriormente, para a Educação Física, tomando por base o estudo do ser humano no processo ensino-aprendizagem.

Os movimentos renovadores da educação física do qual faz parte o movimento dito “humanista” na pedagogia, se caracterizam pela presença de princípios filosóficos em torno do ser humano, sua identidade, seu valor, tendo como fundamento os limites e interesses do homem e surge como crítica a correntes oriundas da psicologia conhecidas como comportamentalistas. (SILVA, 1995, p. 55).

O movimento humanista fundamenta-se na psicologia que tem como base os princípios filosóficos do ser humano, considerando, sobretudo, sua identidade e valores. Sua fundamentação se sustenta nas limitações e interesses do homem. A corrente em questão vai surgir como oposição às correntes originárias da psicologia comportamentalista, ou seja, aquela que se manifesta numa visão tradicional em que, na educação, ela se materializa através do binômio estímulo-resposta. Portanto, esse movimento se constituiria numa proposição em que o processo ensino-aprendizagem seria centrado no aluno, devendo o professor ser apenas um mero facilitador do desenvolvimento humano dos educandos.

Diante do que foi explicitado até aqui sobre a Educação Física Humanista, além dela ter sido colocada como mero coadjuvante no processo ensino-aprendizagem, reduzindo-o ainda mais suas possibilidades de intervenções enquanto educador, este movimento renovador não considerou, em sua atuação profissional, os condicionantes histórico-sociais. Sua preocupação principal ficou atrelada aos aspectos voltados para a melhoria das relações sociais entre as pessoas, colocando o professor como um *facilitador* deste crescimento humano.

Esporte Para Todos (EPT)

O Movimento Renovador Esporte Para Todos (EPT), apresentado por Dieckrt (1985), surge com a pretensão de se contrapor ao esporte de rendimento, expansivamente disseminado no contexto das aulas de Educação Física escolar. Essa oposição é fundamentada por apresentar características de um esporte a ser praticado por todos na escola, nos clubes, etc. o qual possa ser acessível a uma grande maioria na escola e na sociedade como um todo. Pretendia-se, com isto, democratizar o esporte, popularizando-o.

Esse movimento EPT é voltado para todas as idades. Neste sentido, apresenta-se como uma proposta alternativa nas aulas de Educação Física, por considerar o ser humano como elemento central, tomando o esporte como conteúdo responsável pela efetiva participação de todos, objetivando atitudes de cooperação e solidariedade. Essa concepção de EPT se reveste de uma conotação antropológica, que coloca o homem no foco das discussões. Portanto, na escola, a aula é centrada no aluno, constituindo-se o EPT como um movimento não diretivo.

Verifica-se que a tendência Esporte Para todos, apresenta-se como movimento alternativo em relação ao esporte de alto nível. Para isto, este esquema teórico considera o ser humano como elemento central, pois é ele que faz o esporte e não o esporte que faz o homem. Neste caso, no meio educacional em particular em Educação Física, as aulas deixam de ser centradas no professor e passa a ser centrada no aluno, considerando o educando como sujeito ativo do processo ensino-aprendizagem. Entretanto, é uma tendência de cunho liberal que não insere as questões político-sociais (SILVA, 1995, p. 97).

Constata-se que o EPT, embora possa ter se constituído numa tentativa de democratização do esporte para a (e na) sociedade brasileira, sua oferta serviu mais para fins político-ideológicos, por compreender que a melhoria

da saúde das pessoas seria possível por meio de atividades físicas diárias, não considerando que o problema diz respeito a falta de políticas públicas que contribuam para melhoria da qualidade de vida da população, desconsiderando, portanto, o problema da saúde algo que diz respeito à questão muito mais de vontade política do que de ordem relativa ao indivíduo.

Nesse sentido, o EPT colocou o professor como um dos principais personagens para dar conta dos ideais propostos pelo movimento. Ele ficou impossibilitado de exercer seu papel político-pedagógico que pudesse perceber e considerar os condicionantes histórico-sociais em sua prática pedagógica. Portanto, o EPT, ao passo que reclama por um esporte e práticas de atividades físicas a serem praticados por todos, sua intervenção não contribuiu para uma percepção do educador sobre a realidade social brasileira: desigual, contraditória e totalmente comprometida com os interesses idealista da classe dominante e opressora.

Considerações Finais

Neste estudo analisamos o papel político-pedagógico do professor de Educação Física no Brasil nas Tendências Pedagógicas e Movimentos Renovadores dessa área do conhecimento. Constatamos que todo seu percurso como educador esteve atrelado a um conjunto de ações, que na maior parte do tempo esteve subordinado aos interesses da classe dominante.

Todas estas tendências apresentadas traziam consigo uma compreensão neutra de Educação Física, ou seja, desprovida de uma reflexão crítica sobre a realidade da escola e da sociedade brasileira como um todo. O professor era formado para sedimentar valores de uma classe opressora e dominadora, inviabilizando qualquer tentativa de mobilização das classes oprimidas que pudesse apontar na direção de uma sociedade transformada ao interesse de todos.

Constamos que, o papel político-pedagógico do professor de Educação Física, na maior parte do período histórico, compreendendo o início do século XIX até os anos 1970 do século XX, foi o de reprodução e manutenção do sistema, impossibilitando a edificação de uma Educação Física ampla e transformadora da realidade social concreta. Verificamos, ainda, que em nenhum momento foi possível perceber ou se permitir, no contexto escolar, uma participação efetiva do professor em benefício de um processo ensino e aprendizagem crítico e reflexivo e de seu papel na sociedade, fruto dos olhares vigilantes e atentos do sistema opressor.

Referências

BREGOLATO, R. A. **Cultura Corporal do Esporte. (Coleção Educação Física Escolar: no principio da totalidade e na concepção histórico critico - social).** São Paulo: Ícone, 2003.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física do Brasil: a história que não se conta.** Campinas: Papirus, 1988.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DIEKERT, J. **Elementos e Princípios da Educação Física**: uma antologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

GHIRALDELLI, P. J. **Educação Física Progressista**. São Paulo: Loyola, 1989.

KRAVCHYCHYN, C.; CARDOSO, S. M. V.; MORETTI, L. H. T.; OLIVEIRA, A. A. B. Educação Física Escolar Brasileira: caminhos percorridos e perspectivas. **Revista Teoria e Prática da Educação**, Máringa, v. 14, n. 1, p. 107-118, jan. / abr. 2011.

LE BOUCH, J. **O Desenvolvimento Psicomotor: do nascimento aos 6 anos**. 5 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

SILVA, L. V. S. **A Representação Social da Saúde na História da Educação Física**. n. 1, v. 1, Crato: Coletânea, 2007.

_____. **Análise Bibliográfica da Interdisciplinaridade na Educação Física**. 1995.125f. Monografia (Licenciatura em Educação Física), UFPB, João Pessoa, 1995.

OLIVEIRA, V. M. **Educação física humanista**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

Recebido: 20/02/2015

Aceito: 09/03/2015